

## DO DÉFICIT À DIFERENÇA UMCAMINHO PARA DESLOCAMENTOS TEÓRICOS NA PESQUISA SOBRE O AUTISMO

<sup>1</sup>Tatiana Apolinário Camurça

### RESUMO

Este artigo apresenta uma revisão bibliográfica cujo objetivo foi examinar a produção acadêmica brasileira sobre o sujeito autista, deslocando o olhar para além do viés clínico que historicamente o define. As buscas foram realizadas em bases e repositórios como o Banco de Teses da Capes, a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), o Catálogo de Teses da USP e o Repositório da Unisinos (RDBU), entre outros. O estudo fundamenta-se na interlocução entre os Estudos Foucaultianos e os Estudos da Neurodiversidade, diálogo ainda raro no Brasil, capaz de tensionar discursos hegemônicos que reduzem o autismo a déficit, distúrbio ou patologia. A análise revelou que a maior parte das pesquisas está situada na área da Saúde, priorizando sintomas, diagnósticos e intervenções terapêuticas. Na Educação, o foco recai quase sempre sobre o manejo pedagógico de alunos diagnosticados com autismo, com ênfase em inclusão escolar, ensino da leitura e escrita, desenvolvimento da linguagem e estratégias de normalização comportamental. Essas abordagens, mesmo quando bem-intencionadas, tendem a reafirmar um modelo de sujeito a ser corrigido, ajustado e integrado a padrões pré-estabelecidos. As famílias, por sua vez, embora familiarizadas com terminologias médicas e recursos farmacológicos, enfrentam lacunas no acesso a perspectivas que valorizem a singularidade e a autodeterminação de seus filhos. Este mapeamento evidencia que, mesmo em tempos de ampliação das políticas inclusivas, persiste a escassez de investigações que concebam o autismo como diferença e não como desvio. Ao iluminar a potência de leitura da neurodiversidade, a pesquisa propõe deslocar o debate para formas de vida que escapem às lógicas de controle, abrindo espaço para que o sujeito autista exista em liberdade e para que a diferença seja reconhecida como constitutiva da experiência humana. É preciso produzir conhecimento novo no campo da educação, visando contribuir com o respeito à diferença.

**Palavras-chaves:** Autista, Sujeitos autistas, Pesquisas brasileiras, Educação.

### INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o campo da Educação tem se aproximado de temas historicamente circunscritos às áreas da Saúde e da Psicologia, como o autismo. Contudo, a presença dos sujeitos autistas na escola ainda é marcada por discursos que os narram a partir da falta, da inadequação e da necessidade de correção. Esse artigo nasce do incômodo diante dessa hegemonia do olhar clínico e propõe uma inflexão: pensar o autismo pela perspectiva da neurodiversidade, compreendendo-o como uma das múltiplas formas de ser e existir no mundo. O que está em jogo, aqui, não é apenas incluir, mas reimaginar a própria Educação como espaço de coexistência das diferenças e de produção de subjetividades.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Unisinos, Bibliotecária, ativista e pesquisadora da causa autista do NAPNE no IFCE em Fortaleza. E-mail: [tatianacamurca@ifce.edu.br](mailto:tatianacamurca@ifce.edu.br)



A pesquisa que sustenta este texto situa-se nos Estudos Foucaultianos e nos Estudos da Neurodiversidade, dialogando com o conceito de práticas de subjetivação e com a ideia de que as narrativas de si constituem modos pelos quais os sujeitos produzem sentido para suas experiências. Nesse horizonte, as vozes autistas são tomadas como protagonistas e não como objetos de análise. Mais do que estudar sobre eles, o propósito é pensar com eles, reconhecendo que cada escrita, fala ou gesto narrativo é também uma forma de resistência ao discurso normativo da normalidade. O texto está organizado em três seções principais. Na primeira, discutem-se os caminhos teóricos e epistemológicos que embasam a pesquisa, enfatizando a aproximação entre Foucault, neurodiversidade e subjetivação. Na segunda, apresenta-se uma revisão da produção científica brasileira sobre o autismo, destacando a prevalência de abordagens médico-psicológicas e as lacunas de investigações educacionais que privilegiam a voz dos sujeitos autistas.

## **2. NOSSAS QUESTÕES DE AUTISMOS: entre discursos e silêncios:**

No Brasil, a produção científica sobre a temática do autismo basicamente está concentrada na área da Saúde, bastante focada em sintomas e tratamentos psicológicos. Na Educação, o número de investigações mais expressivo segue sendo sobre o manejo pedagógico dos alunos diagnosticados com autismo na sala de aula, de preferência, inclusiva. Enquanto especialistas se voltam para o diagnóstico e os professores para as metodologias de trabalho, as famílias, embora dominando e circulando com certa intimidade pelos fármacos, seguem se deparando com a necessidade de saberem mais sobre seus filhos. Saber mais não apenas para os manterem sobre controle, mas para entenderem o que muitos, no senso comum, chamam de “o mundo deles”.

Como pesquisadora, sigo ocupada e mobilizada a conhecer mais sobre o que alguns chamam de um mundo particular, mas que eu prefiro chamar de formas de ser desses sujeitos. Independentemente de meu lugar de enunciação, nesses primeiros anos de doutoramento, investi na busca de literatura sobre o tema das pessoas autistas e suas formas de narrarem a si mesmas. Entendo que a escola constitui uma das experiências mais significativas para qualquer pessoa, mas principalmente para os autistas, pois trata-se de uma experiência coletiva que busca estruturar o sujeito moderno e posicioná-lo em jogos intrincados de forças postas em ação no currículo.

Embora reconhecendo interfaces de saberes, interessa me caminhar no campo da Educação. Tal definição operou em minhas buscas de outras investigações como um primeiro filtro que foi ampliado na leitura de alguns trabalhos que traziam a Educação, mas em um campo Psicológico. Pensei que poderia ser interessante cruzar Educação — como campo prioritário —, com a Psicologia, pois o segundo poderia contribuir com saberes sobre o sujeito. Além desse primeiro filtro, também adotei um segundo, qual seja, selecionar pesquisas em que o protagonismo fosse do sujeito autista. Não queria que especialistas narrassem tais sujeitos, mas



que os pesquisadores tivessem escutado as pessoas autistas. Um terceiro filtro criado foi conceitual. Sabia que queria trabalhar com narrativas, com a perspectiva da neurodiversidade e com o conceito de práticas de subjetivação. Com todas estas definições, investi em buscas de dissertações e teses.

### **3 O FIO TEÓRICO METODOLÓGICO QUE COSTURA NEURODIVERSIDADE E A EDUCAÇÃO**

No geral, os estudos e as pesquisas realizadas na Educação abordam a inclusão, as metodologias de trabalho para o ensino da leitura e da escrita, o desenvolvimento e a avaliação dos distúrbios da linguagem e da aprendizagem, entre outros temas de caráter pedagógico. A grande maioria deles posicionam o sujeito como um indivíduo a corrigir ou, pelo menos, a ser dominado, cuidado e educado. Há esperanças anunciadas em tais produções, mas pouco elas remetem a formas de vida possíveis e a liberdade de ser de outras maneiras. Em minha vida como mãe, aprendi muito sobre os temas acima relacionados. É o que mais encontro na literatura. O que quero agora é andar abrindo outros caminhos, ainda não feitos, pelo menos não os encontrei.

Dentro desse viés e considerando que os saberes médicos dominam as formas de ler os sujeitos com autismo, em meus investimentos na busca de outras pesquisas sobre o tema, deixei fora aquelas que se focaram na abordagem do sujeito a partir de uma perspectiva clínica do autismo, ou seja, aquelas que focam a pessoa com autismo através das lentes que salientam a ausência, a incapacidade e a dificuldade de relacionamento. Tal decisão reduziu consideravelmente o número de dissertações e teses a serem lidas com o objetivo de conhecer a produção sobre tema.

Além da decisão sobre o entendimento de sujeito e de suas relações, fortemente inspiradas nos campos dos Estudos Foucaultianos e dos Estudos da Neurodiversidade, também precisei escolher descritores coerentes com as lentes escolhidas para abordar o tema de meu interesse nas plataformas de dados. Ao iniciar essa etapa, percebi que os registros de descritores nem sempre representam a abordagem dada ao tema, bem como dificultam as buscas. O fato de existirem diferentes maneiras de registrar o autismo — autismo, TEA, Asperger, transtorno do neurodesenvolvimento, espectro autista, neurodiverso etc. — dificulta escolher os trabalhos para a leitura sem que, pelo menos, seja lido o resumo e até as conclusões dos mesmos para uma primeira seleção.

Sobre as perspectivas teóricas que sustentam a pesquisa que proponho, destaco que há pouquíssimos trabalhos produzidos tendo como princípio os Estudos Foucaultianos e menos ainda cruzando esses com os Estudos da Neurodiversidade. Nas buscas que fiz nos bancos de trabalhos acadêmicos, é visível o domínio de vieses cognitivistas, sociointeracionista e psicológicos para a



abordagem do sujeito e de sua constituição, aprendizagem e relação consigo e o outro. Entendo que essas são evidências que permitem parte da defesa da originalidade de minha tese.

Para mim, o ponto de virada foi quando um homem me disse que ter autismo era como ser um peixe de água doce em água salgada. Nesse ambiente, eles são inválidos. No ambiente certo, a deficiência diminui e eles não apenas desabroçam, mas podem realizar seu potencial. (BARON-COHEN, 2015, p. 967, tradução nossa).

É uma ideia bem interessante, abandonar a prática de olhar antes do diagnóstico, olhar o humano que está a fala. O que leva muitas confusões ao generalizar uma comunidade de pessoas heterogêneas a partir de um único viés. E tal visão ainda não traz a questão do respeito da individualidade, da singularidade de cada vida. Todavia, reconheço que, ao se aproximar das discussões trazidas por autistas, vejo esse passo como uma vontade de desaprender o que não traz contribuições, ao contrário, atrasos e perdas de ser uma pequena tocha contra o desconhecimento em torno das pessoas dentro dessa condição de vida, de estudar, de estar em ambientes diversos, de chegar a lugares não definidos.

Quero dizer aqui, que antes mesmo de apresentar, rapidamente, o percurso feito para a busca de outras pesquisas realizadas sobre o tema das narrativas de si de pessoas autistas, vale esclarecer que, além de buscar por teses e dissertações, também procurei por artigos que apresentavam pesquisas desenvolvidas e revisões de literatura. Eles ajudaram muito a desbravar esse terreno tão pouco explorado. Para tanto, fiz buscas de artigos nas bases *Scielo* e em Revistas Acadêmicas que me eram indicadas pelos pares.

Como disse anteriormente, para buscar dissertações e teses, investi na busca em bancos de pesquisas acadêmicas, como Banco de Teses da Capes, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), Catálogo de teses da USP e o Repositório Digital da Biblioteca da Unisinos (RDBU), entre outros repositórios institucionais de universidades brasileiras. As contribuições de amigos do Grupo de Estudo e Pesquisa em Inclusão (GEPI) e da Rede de Investigação em Inclusão, Aprendizagem e Tecnologia em Educação (RIIATE) foram fundamentais em minhas buscas.

No mês de fevereiro de 2023, ao buscar por produções acadêmicas com termo autismo no banco de teses da Capes, o resultado numérico que encontrei foi de 1.273 dissertações e 383 teses. Ao restringir a busca através de conectores como NOT educação, NOT saúde, o resultado baixou para 263 dissertações e 92 teses. Ao refinar ainda mais minha busca, digitei autismo AND sujeito, o resultado foi de 59 dissertações e 10 teses. Com o descritor autismo AND sujeito, as pesquisas na área de Psicologia se destacaram, principalmente aquelas com enfoque psicanalítico. Em um último movimento de buscas, com diferentes estratégias, aplicando e combinando filtros, palavras e elementos de exclusão, como autismo AND escrita, autismo AND sujeito, autismo AND neurodiversidade, AUTISMO AND narrativas, TEA NOT infância, saúde, escola, alfabetização, autismo NOT tratamento, comportamento, medicação, autismo NOT políticas



públicas, asperge AND neurodiversidade AND autobiografia AND biografia, chequei aos seguintes trabalhos:

Caitite (2017), ao abordar o autismo como diversidade, problematiza ontologias trazidas para o ativismo político em práticas da psicologia e em relatos feitos em primeira pessoa. A autora traz contribuições no entendimento dos processos de construção e de categorização do autismo. Explica que em cada campo de práticas, em cada local específico, o autismo vem a existir como uma realidade distinta. Ela afirma que se multiplicam as ontologias, ao defender que não é o significado do conceito do autismo que muda, mas sim os campos de saberes que caracterizam e definem, em diferentes épocas, o autismo. Para Caitite (2017), a internet facilitou a conexão entre pessoas diagnosticadas, a organização de grupos de apoio a pacientes e a consequente relativização da autoridade dos médicos e outros especialistas. A expertise sobre o autismo se estendeu a pais e pessoas diagnosticadas ou autodiagnosticadas. Traz autobiografias escritas por autistas, a fim de contribuir para que o conhecimento produzido nestes textos seja levado em consideração na formulação das práticas de cuidado, e do saber científico. Defende a ideia de que os autistas falam por eles mesmos, mas é importante descrever situações em que o autismo existe como diversidade.

Apresenta três campos de análises diferentes, as autobiografias escritas de pessoas com autismo, entrevistas com especialistas e com os pais desses. A partir do acesso e leituras das narrativas em formato de autobiografias desses sujeitos, a pesquisadora diz que é possível renovar os sistemas teóricos e substituir termos utilizados para descrever o autismo e abraçar novas práticas de entender o autismo, pois nesses documentos encontrou uma nova fonte de reivindicações e declarações de si, permeadas de singularidades silenciadas por aqueles se autointitulam especialistas no autismo.

Feldman (2013), ao pesquisar e buscar autobiografias distribuídas em masculino e feminino, examina 43 autobiografias de pessoas que se descrevem a partir da categoria autismo. A leitura de algumas autobiografias levou a perceber que os próprios autores indicavam livros de outros autores autistas que os ajudaram a entender suas próprias condições. Dessas 43 autobiografias, foram lidas as 35 mais citadas em sites e blogs sobre o autismo e selecionadas 8 para análise. Ao partir das teorias do filósofo canadense Ian Hacking (1986, 1995, 2007, 2009, 2010) e também noções de “tipos humanos” de Canguilhem (1966) e Davis (1995), o estudo realizado muito contribui com a pesquisa que pretendo realizar, pois compartilho do entendimento de que produzimos as pessoas a partir de diferentes práticas — ao diagnosticá-las, ao nomeá-las, ao quantificá-las etc.

Feldman (2013) levantou 43 autobiografias de pessoas que se descreviam como autistas, destacando a publicação de outros livros que narram o espectro sob o olhar do próprio autista, incluindo exemplares famosos como *Uma menina estranha* (1999), de Temple Grandin; *Nascido em um dia azul* (2006), de Daniel Tammet, assim como a obra *“Olhe nos meus olhos”* (2013), de



John Elder Robison. O objetivo era compreender as diferentes formas que os autistas se adaptam, negociam, resistem ou até mesmo criam novas normas para lidar com sua condição. Suas questões giraram em torno dos saberes como cada pessoas autistas se utilizam dos recursos disponíveis, das classificações para construir sentido para suas próprias vidas. Procurou saber se as experiências relatadas nos escritos autobiográficos reforçam as concepções médicas sobre o autismo ou as recusam ou, até, as reinventam. Em suas análises, percebeu que os autistas são capazes de falar e clamar por seus direitos, bem como lutar contra a estigmatização de suas diferenças, defendendo a aceitação e o reconhecimento de suas diversidades.

Dessa forma, a pesquisadora encontrou possibilidades de inferir que, nas três narrativas, há reivindicações do estatuto de diferença em vez do estatuto de doença pelos autistas. Os autores dos materiais analisados reportam-se à condição, não como doença, mas sim como uma condição atípica. Tais reivindicações mostram que mudanças nas concepções sobre o autismo podem ser engendradas a partir das narrativas autobiográficas. Novos espaços de descrições significam novas possibilidades de existência e novas possibilidades de existência podem ressignificar tais descrições. A pesquisa de Feldman me permitirá avançar mais rapidamente em meu estudo, pois compartilhamos de uma base semelhante de compreensão. Porém, diferencio-me dela quando busco pelas narrativas de si e pelo que mobiliza ou ativa os sujeitos em suas experiências, com destaque aquelas experiências narradas no contexto da escola.

A dissertação intitulada *Autismo sem ismo: a neurodiversidade e a experiência interior por uma etnografia não normativa*, escrita por Sousa (2020), foi uma indicação dos grupos de encontro com alunos com autismo do IFCE. A pesquisa está disponível do repositório da universidade de Lisboa, Portugal, e foi escrita por uma pesquisadora que se reconhece como autista. Ela apresenta como objetivo principal compreender as experiências dos autistas enquanto indivíduos patologizados pelo discurso médico-psiquiátrico na emergência de um conceito em construção, a neurodiversidade, em confronto com o conceito de experiência interior. Em termos metodológicos, aborda os conceitos de anormalidade, de monstruosidade moral e do direito a reparação de danos. Por meio da discussão de tais conceitos, busca entender o autismo e a sua articulação com a concepção de neurodiversidade e de biossociabilidade através do sujeito cerebral. Utiliza as teorizações de Michel Foucault para desenvolver a discussão e frisa a necessidade de ficar na singularidade dos sujeitos.

As pesquisas desenvolvidas por Ottoni (2022), Gozzy (2017), Gliese (2021), entre outros, inspiram-me a pensar a neurodiversidade por diferentes entradas na discussão. Afinal, a neurodiversidade só faz sentido se abordar o sujeito em suas relações mais diversas. Gozzy (2017) faz em seu trabalho uma abordagem provocativa para quem quer usar a concepção da neurodiversidade. Em outras palavras, pergunta se, ao assumirmos o autismo como forma de vida,



renunciaremos aos direitos adquiridos a partir do entendimento do autismo como transtorno ou deficiência. Essa discussão é difícil, pois entendo que podemos avançar na abordagem da neurodiversidade sem perdermos os ganhos legais adquiridos. Afinal, a vida não é isso ou aquilo, mas uma soma de condições que devem ser analisadas conjuntamente. Nesse sentido, as pesquisas que trazem esses impasses se tornam instigantes para as reflexões que pretendo fazer em minha tese.

Aguiar (2018), em sua tese de doutorado, problematiza as conformações identitárias dos sujeitos posicionados como neurodiversos a partir das representações que as narrativas médicas, midiáticas e autorais articulam sobre a neurodiversidade. Afirma que as formas de abordagem do autismo, principalmente as midiáticas, transitam entre a celebração e o rechaço. Para as suas análises, a autora tomou como materialidade os blogs de pessoas autistas, pois entende que se trata de um tipo de veículo de comunicação no qual as narrativas de si acontecem. Os blogs citados e estudados na tese acima contêm relatos de vidas neurodivergentes. Tais relatos tornam públicas as experiências dos sujeitos, analisadas pelo viés dos Estudos Culturais, de inspiração pós-estruturalista. Tomando esse viés analítico, as discussões seguem o rumo da identidade cultural, problematizando a medicalização da vida.

Rodrigues (2019) faz uso dos conhecimentos da psicanálise para problematizar a Educação Básica. Defende que as narrativas autobiográficas se afirmam como potente na discussão sobre os sujeitos autistas, porque, entre outras razões, elas exemplificam muitas situações que, frequentemente, acontecem no contexto escolar. Para mim, interessa os estudos que tensionam a escola, pois esse é um dos vieses que gostaria de explorar nas narrativas de si dos sujeitos. Nas narrativas, quero ver se a escola aparece como contexto e quais experiências ela possibilita para a constituição do sujeito. Tenho a hipótese de que a escola tem importância na constituição dos sujeitos, pois trata-se de uma instituição moderna que atravessa a cultura, posicionando, por meio da escolarização, os sujeitos.

Silva (2021) destaca em seu trabalho a expressividade do self de pessoas autistas em mídias sociais da internet. Ainda, frisa as lutas dos autistas por reconhecimento. Embora eu não foque, em minha investigação, questões midiáticas, interessa a discussão produzida por Silva (2021), pois ao problematizar o self produz ferramental conceitual para a leitura da subjetividade. É interessante perceber o quanto os debates sobre identidade e direitos estão presentes nas pesquisas, nas falas de protestos dos autistas. Derrida (1995) ajuda a entender identidade através da linguagem não fixa, mas reverberando as atuais pautas de diferenças dos sujeitos, atravessadas pelos os efeito de relações de poderes. Dentro de modo de pensar, Tedeschi e Paivan (2017, p. 782) dizem que precisamos ter cuidado ao estudar, tomar um conceito como uma ideia fixa, eterna, a exemplo citam o exemplo do conceito moderno, identidade. “[...] as identidades e as diferenças são construídas nas relações sociais, em meio a campos hierárquicos - elas não convivem em harmonia, mas sim em constantes disputas.”



Resumindo, Silva (2021), Rodrigues (2019), Aguiar (2018) e Gozzy (2017) trilharam caminhos investigativos que podem ser inspiradores para mim, pois, ao analisarem narrativas de pessoas autistas, mostraram o quanto elas são potentes ferramentas de constituição de si. Os autores, de distintas formas, salientam que narrativas quando incorporadas à vida ou ao cotidiano das pessoas podem possibilitar que elas pensem a si mesmas, revejam suas práticas, as compreendam melhor e se vejam com mais nitidez. Partem do pressuposto que ao “contarem-se a si mesmos” agem sobre si.

Outra pesquisa que penso contribuir para a minha foi a de Felisbino (2022), uma dissertação defendida no momento da finalização dessa revisão que estou fazendo. Apesar de a autora não trabalhar com a mesma temática que eu, ela utiliza lentes foucaultianas, as quais também utilizo para me inspirar. A pesquisadora buscou compreender como as práticas normalizadoras constituem políticas públicas educacionais no Brasil, posicionando os sujeitos com autismo a partir de diferentes diagnósticos clínicos. A historicização de tais diagnósticos mostra o quanto movimentos em torno da forma de vida autista acabaram gerando parte das condições de emergência do conceito de neurodiversidade. Felisbino (2022), ao trazer vozes de autores e protagonistas de tais movimentos, esclarece que, dentro desse entendimento, ter autismo ou ser autista é apenas mais uma, dentre as distintas formas de ser humano. Trata-se de um grupo identificado como neuroatípicos.

Wou (2017) destaca a necessidade de ampliar as discussões a partir de um viés mais crítico, ou seja, um viés que tensione as leituras clínicas e fortaleça as discussões sobre a diferença. Destaca que, no campo da Educação, é fundamental mudar a forma com que se olha e se narra os sujeitos. Quando foca o sujeito na escola, fortalece, ainda mais, os argumentos a favor da diferença e da diversidade.

Delgado et al. (2015) construíram um panorama das pesquisas de mestrado e doutorado desenvolvida entre os anos de 2011 a 2020 sobre o tema do autismo. Concluem que há uma concentração de pesquisas no campo da psicanálise e, também, no campo comportamental. Segundo os autores, tais pesquisas focam, em grande parte, no desenvolvimento da linguagem e na socialização dos sujeitos. Wou, Yaedu e Wayszeyk (2019) também fizeram uma revisão de literatura sobre o autismo e provocaram a pensar se se tratava de um déficit ou uma diferença entre outras possíveis de serem apontadas no espectro humano. As autoras incluíram, na revisão, teses e dissertações defendidas entre 2018 a 2018 no Brasil. Os resultados mostram, mais uma vez, que a maioria dos estudos se orienta pelo modelo médico e, dentre aqueles que se inserem na categoria “modelo crítico”, as explicações perpassam diferentes abordagens teóricas, como a fenomenologia, a psicologia histórico-cultural e a psicanálise. Analisar as pesquisas trouxe uma multiplicidade de narrativas sobre o autismo e a percepção de que cabe romper com a naturalização dos discursos e a hierarquização das ciências naturais sobre as humanas para garantir reconhecimento das diferenças como forma natural de vida.





Sadzinski Junior, Wayszceyk e Wuo (2020), ao fazerem uma revisão de 25 artigos sobre autismo, declaram que, no Brasil, as discussões acerca da neurodiversidade ainda são incipientes, fortemente limitadas pela neurociência. Dos 25 artigos encontrados, 4 foram incluídos entre aqueles que abordaram o tema a partir da neurodiversidade.

Rios (2017), de forma vibrante, toma o tema pelo viés do autista como sujeito social e político a partir da observação das diferentes formas de interação entre autistas, familiares e responsáveis. A autora diz que por autismo entendemos um composto variado ou um grupo multidiverso de pessoas, com tipos e graus de comportamento variados, bem como de múltiplas dificuldades comunicativas. Ela afirma que, ao reconhecer tais dificuldades, as famílias ou responsáveis, acabam, muitas vezes, sendo os porta-vozes de seus filhos ao que se refere a luta pelos direitos adquiridos.

Bialer (2015, 2018, 2021, 2022), apesar de falar da área da Psicanálise, toma o tema das biografias escritas por pessoas com autismo não falantes e colocam esses em posição de grande destaque em suas pesquisas. Seus artigos e livros fornecem uma alternativa e amplia a compreensão do poder do lugar de fala das pessoas dentro dessa condição complexa e heterogênea em relação a como percebem e vivenciam o mundo.

Na literatura, Ortega (2007, 2008, 2009) é o nome mais referenciado em se tratando de neurodiversidade. O filósofo defende que o movimento da neurodiversidade é organizado por autistas chamados de alto funcionamento que consideram que o autismo não é uma doença a ser tratada, mas trata-se antes de uma diferença humana. Para ele (2008), a atuação de movimentos de autistas surgiu como recusa à visão negativa do autismo difundida pelas explicações psicanalíticas de Kanner, Bettelheim e outros, que entrelaçam o autismo à incapacidade e à deficiência. Os representantes desses movimentos celebram a diversidade do cérebro humano, que não acatam compreensões como da dimensão do patológico, doença ou cura. O pesquisador leva a compreensão de que a divulgação do autismo pelas mídias oficiais trata o tema de forma abstrata e generalizante e há uma pequena porcentagem de matérias, notícias abrindo espaço para o protagonismo das vozes autistas. As discussões trazidas por Ortega (2007, 2008, 2009) mostram que a abordagem da neurodiversidade tornou possível o início de um alargamento de visão sobre o que é ser autista. Ele considera que uma fissura na forma de categorizar ou representar as pessoas autistas foi gerada, tornando mais difícil os diagnósticos clínicos.

#### **4 DISCUSSÕES E RESULTADOS**

Pensar o autismo a partir da neurodiversidade implica deslocar o eixo das investigações sobre o sujeito. Já não se trata de identificar o que falta, o que falha ou o que desvia, mas de reconhecer modos plurais de viver, sentir e aprender. Ao romper com o paradigma da deficiência, a neurodiversidade introduz uma fissura epistemológica: faz ver que a diferença não é um atributo



patológico, mas uma forma legítima de existência. Nesse movimento, o campo da Educação é convocado a rever suas categorias fundantes — normalidade, desenvolvimento, aprendizagem, inclusão — e a reconhecer que elas operam, muitas vezes, como instrumentos de captura e controle. A leitura foucaultiana ajuda a compreender que as práticas educativas não apenas transmitem saberes, mas também produzem sujeitos. Assim, compreender o autismo pelo viés da neurodiversidade é interrogar as tecnologias de poder que moldam corpos, comportamentos e modos de ser.

As narrativas de si, quando escritas por sujeitos autistas, tornam-se um território de resistência e de invenção. Ao contarem-se, esses sujeitos se inscrevem na linguagem de forma singular, afirmando sua existência em um campo discursivo que, por séculos, os silenciou. O gesto de narrar-se é também o gesto de se produzir, de reorganizar a relação entre experiência e discurso. A escrita, nesse contexto, é uma prática de liberdade — aquilo que Foucault nomearia como “cuidado de si”. Ela permite que o sujeito neurodivergente se desloque do lugar de objeto de estudo para o de produtor de saber. Ler essas narrativas é, portanto, uma forma de desestabilizar a hegemonia do olhar clínico, abrindo espaço para uma epistemologia da escuta, na qual o conhecimento emerge do entrelaçamento entre a experiência vivida e a análise crítica de si.

A Educação, enquanto prática cultural e política, precisa acolher a potência disruptiva dessas vozes. Não se trata apenas de adaptar currículos ou metodologias, mas de reconfigurar os próprios fundamentos sobre os quais o “ensinar” e o “aprender” se sustentam. O olhar neurodiverso propõe uma pedagogia que se faz nas margens — uma pedagogia que reconhece o saber como múltiplo, situado e em constante negociação. O desafio que se coloca é ético: como criar espaços educacionais em que as diferenças não sejam administradas, mas celebradas? Talvez a resposta esteja em compreender que cada vida neurodivergente é um modo de pensamento, uma forma de teoria encarnada. Escutá-las é, ao mesmo tempo, produzir ciência e humanidade. Todas as pesquisas já citadas nessa revisão permitem reafirmar com mais força a necessidade da pesquisa que ora proponho. Quero ajudar a construir caminhos alternativos para mostrar que é possível ter ganhos humanos, individuais, sociais e educacionais interessantes com a abordagem do autismo a partir da neurodiversidade. Acredito que as escritas de si, experiências e vivências em falas singulares por parte de quem vive sob a pele do autismo pode trazer luz e outros modos de compreender vidas plurais, relatos diversos desde pensamentos sobre si mesmo, interações sociais, fatores socioemocionais e desafios diários, típicos de uma vida em tempos acelerados e líquidos.

Entendo que, depois de rever o que já foi pesquisado sobre o autismo, a pesquisa que proponho se mantém inédita, pois a materialidade, a metodologia, os objetivos e o próprio problema de pesquisa não foram explorados como proponho fazer nesta proposta de tese. Ao adotar livros escritos por pessoas diagnosticadas e ou autodeclaradas autistas e/ou neurodiversas, busco por suas vozes para tentar perceber o que faz com que elas convoquem a si mesmas ao



narrarem-se. Assim, tenho a pretensão de tecer problematizações a partir das narrativas de si, escritas por escritores com autismo, evidenciando um espaço conquistado tardiamente para falar de si mesmo, sem intermediações. Defendo a posição de que a pesquisa em questão pode ser uma contribuição para um modo de viver no mundo de maneira compartilhada, solidária e diversa, englobando as diferenças entre as pessoas como uma compreensão natural da humanidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar o autismo na Educação sob a lente da neurodiversidade é mais do que uma escolha teórica — é um gesto ético e político de deslocamento. Ao longo deste estudo, buscou-se tensionar as leituras clínicas e normativas que ainda orientam grande parte da produção científica brasileira sobre o tema, propondo uma virada conceitual em direção às narrativas de si e às práticas de subjetivação. Acredita-se que escutar os sujeitos autistas é uma forma de abrir espaço para que o conhecimento acadêmico se torne menos sobre eles e mais com eles, deslocando o lugar da fala e da escuta nas investigações educacionais. Esse movimento sugere a urgência de repensar o modo como as universidades brasileiras formam professores, produzem pesquisas e formulam políticas sobre inclusão. Que epistemologias têm sustentado nossos olhares sobre a diferença? O que ainda deixamos de ouvir quando interpretamos o autismo a partir de categorias rígidas e diagnósticas? Há um vasto campo de perguntas a serem exploradas — sobre o currículo, as tecnologias de si, os modos de aprender e de estar no mundo que escapam ao modelo da normalização. A neurodiversidade, nesse sentido, não é apenas um tema, mas uma possibilidade de reimaginar a própria ideia de Educação.

Convidar a neurodiversidade a habitar o pensamento educacional brasileiro é abrir-se à incerteza criadora, à multiplicidade e ao inacabamento. As futuras pesquisas precisam ir além da representação e alcançar a coautoria: produzir conhecimento com sujeitos autistas, não apenas sobre eles. O desafio é continuar perguntando — o que ainda podemos aprender com as vidas que escapam às normas? Que outras formas de existir e educar emergem quando a diferença é tomada como potência e não como falta? São perguntas que permanecem em aberto, como um convite à continuidade do diálogo, à escuta sensível e à construção de uma ciência mais justa, plural e compartilhada.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Jacqueline Gomes de. **Narrativas em espaços midiáticos online e a produção de sujeitos neurodiversos: de rechaços a celebrações**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2018.

BARON-COHEN, Simon. The concept of neurodiversity is dividing the autism community. **The Lancet Psychiatry**, v. 2, n. 11, p. 965–967, 2015.



BENEDETTO, Mayne Souza. **Autismo sem ismo: a neurodiversidade e a experiência interior por uma etnografia não normativa.** 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2020.

BIALER, Matheus. **Autismo e psicanálise: a escrita como forma de expressão.** São Paulo: Escuta, 2015.

CAITITÉ, Amanda Muniz Logeto. **O autismo como diversidade: ontologias trazidas à existência no ativismo político, em práticas da psicologia e em relatos em primeira pessoa.** 2017. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

DELGADO, Ana Paula; et al. Panorama das pesquisas sobre o autismo no Brasil (2011–2020). **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 21, n. 4, p. 587–604, 2015.

DERRIDA, Jacques. **O monolinguismo do outro: ou a prótese de origem.** Campinas: Papirus, 1995.

FELISBINO, Cláudia. **Políticas públicas brasileiras para o autismo: entre a patologização da diferença e a correção comportamental.** 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2022.

FELDMAN, Clara. **Relatos sobre autismo: um estudo sobre narrativas em primeira pessoa.** 2013. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

GOZZY, Jomar. **A pessoa autista e o movimento da neurodiversidade: considerações sob o ponto de vista da complexidade e da ética da alteridade.** 2017. Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

GRANDIN, Temple. **Uma menina estranha.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HACKING, Ian. **The social construction of what?** Cambridge: Harvard University Press, 1999.

ORTEGA, Francisco. Deficiência, autismo e neurodiversidade: entre o saber e o poder médico-psiquiátrico. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 18, n. 2, p. 401–419, 2008.

RIOS, Ana Paula. **O autista como sujeito social e político: narrativas e interações familiares.** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

ROBINSON, John Elder. **Olhe nos meus olhos: minha vida com a síndrome de Asperger.** São Paulo: Larousse, 2013.

RODRIGUES, Carolina Alves Succo. **Por eles mesmos: o que as autobiografias dos sujeitos chamados autistas revelam acerca de suas experiências escolares?** 2019. Dissertação (Mestrado em Ensino em Educação Básica) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SADZINSKI JUNIOR, Luís; WAYSZEYK, Carolina; WUO, Yaedu. **Revisão sistemática sobre autismo e neurodiversidade no Brasil.** *Cadernos de Educação Especial*, v. 36, n. 67, p. 45–63, 2020.



SILVA, Francisco Gabriel Alves da. **“Ser diferente é normal”**: a expressividade do self de pessoas autistas em mídias sociais da internet e suas lutas por reconhecimento. 2021. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

TEDESCHI, Ricardo; PAIVAN, Marilda. Identidades e diferenças: construções e disputas nas relações sociais. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 69, p. 780–792, 2017.

TAMMET, Daniel. **Nascido em um dia azul**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

WUO, Yaedu; YAEDU, P.; WAYSZEYK, Carolina. Revisão crítica sobre o autismo: déficit ou diferença? **Psicologia & Sociedade**, v. 31, n. 4, p. 123–140, 2019.

